

# Dimensões da mortalidade no Estado de São Paulo em 2021: tendências, padrões e diferenças regionais

ISSN  
2446-7537

**Carlos Eugenio de Carvalho Ferreira**  
(ceugenio@seade.gov.br)  
Doutor em Saúde Pública e Chefe da  
Divisão de Projeções da Fundação Seade

**Paulo Borlina Maia**  
(pmaia@seade.gov.br) Doutor em  
Demografia e Analista de Projetos da  
Fundação Seade

**Bernadette Cunha Waldvogel**  
(bvogel@seade.gov.br)  
Doutora em Saúde Pública e Gerente de  
Demografia da Fundação Seade

**Luciane Lestido Castiñeiras**  
(lcastine@seade.gov.br)  
Analista de Projetos da Fundação Seade

## Resumo

A análise da mortalidade da população paulista constitui importante linha de pesquisa da Fundação Seade, que produz e divulga periodicamente as estatísticas vitais, com base nos eventos registrados nos Cartórios de Registro Civil de todos os municípios do Estado de São Paulo. O monitoramento contínuo dos dados de óbitos mostrou que houve aumento expressivo nos anos recentes com o advento da pandemia da Covid-19. O total de óbitos saltou de 303.150 em 2019, para 427.575 em 2021, crescimento de 41%. Tal incremento ocorreu de forma distinta segundo os grupos etários da população, sendo que, em termos de volume, o maior acréscimo foi registrado para os idosos de 60 a 69 anos, enquanto o impacto relativo mais significativo aconteceu entre os adultos de 40 a 49 anos, que ampliaram em 78% o número de óbitos neste período. Regionalmente também foram observadas diferenças importantes. Em 2020, patamares mais elevados de óbitos ocorreram já em maio nas Regiões Metropolitanas de São Paulo e da Baixada Santista, enquanto nas demais RMs as maiores concentrações se deram entre julho e outubro. Em 2021, ano de maior impacto da pandemia, os padrões evolutivos das mortes ficaram mais próximos, com expressivo aumento em março, apesar de diferenciações na tendência de queda até o final do ano. A redução no número de mortes se deu de forma contínua em todas as regiões, após a implementação do programa de vacinação da Covid-19.

## Apresentação

A Fundação Seade, órgão estadual responsável pela produção das estatísticas do Registro Civil e integrada ao Sistema Estatístico Nacional coordenado pelo IBGE, tradicionalmente monitora e divulga as estatísticas de óbitos de residentes no Estado de São Paulo, e vem acompanhando continuamente a tendência de crescimento do número de mortes com o advento da Covid-19 em 2020. A análise da evolução da mortalidade torna-se ainda mais necessária quando se trata de uma pandemia e constitui importante instrumento de análise e tomada de decisão por parte do poder público.

O presente estudo procura apontar as transformações ocorridas no processo evolutivo da mortalidade no Estado, cujos fatores deixaram de estar associados à dinâmica demográfica conhecida e passaram a refletir comportamento totalmente inesperado, resultante de impacto causado pela pandemia de Covid-19. São identificados os diferenciais de mortalidade na população paulista por sexo e grupos etários, mostrando como cada parcela populacional reagiu de modo distinto aos efeitos da nova situação sanitária.

A análise contempla, também, a exploração de dados regionais sobre a tendência dos óbitos nas seis regiões metropolitanas. Foram examinados os padrões evolutivos e o impacto diferenciado das mortes em cada região.

## 1. A evolução anual da mortalidade

As estatísticas do Registro Civil produzidas pela Fundação Seade indicam a ocorrência de 427.575 óbitos entre os residentes no Estado de São Paulo durante 2021, o que representa 79.840 mortes a mais do que em 2020 e 124.425 a mais do que em 2019, revelando incremento de 41% no número de mortes em relação ao último ano sem pandemia. A dimensão desse impacto torna-se mais evidente ao se considerar a série estatística anual do número de óbitos entre 2000 e 2021. A excepcionalidade do aumento ocorrido nos dois anos no contexto da pandemia de Covid-19 contrasta com o crescimento médio anual de 1,3% observado até 2019, ou de 3.443 casos a mais a cada ano.

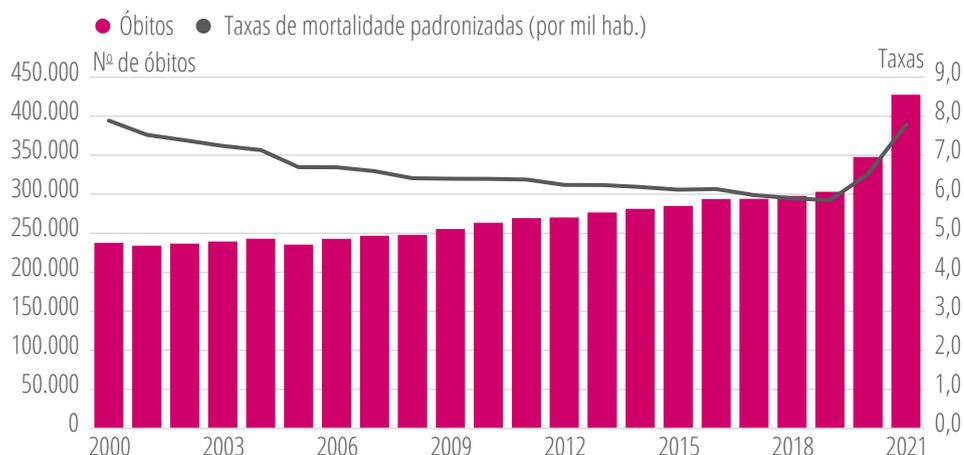
Vale destacar que a tendência de elevação do número de óbitos nos últimos 20 anos anteriores à pandemia foi determinada não pela ampliação nos riscos de morte, mas sim, principalmente, pelo crescimento populacional e o processo de envelhecimento demográfico.

Isso pode ser observado, por um lado, pela população recenseada pelo IBGE em 2000 e 2010, cujo incremento médio anual foi de 1,1%, e pelas projeções do Seade que indicam crescimento de 0,8% entre 2010 e 2020. As mesmas fontes também mostram que a proporção da população com 60 anos e mais passou de 9,0%, em 2000, para 11,6%, em 2010, e 16,3%, em 2020.

Por outro lado, a tendência das taxas padronizadas de mortalidade, que controlam a interferência de mudanças na estrutura etária da população, confirma cenário de redução dos riscos de morte até 2019 e de acréscimos importantes nos dois anos de pandemia. O nível alcançado pela taxa em 2020 retrocede ao patamar de 2007, ao passo que o de 2021 equivale àquele de 2000.

O Gráfico 1 apresenta a evolução do total anual de óbitos ocorridos entre os residentes no Estado de São Paulo, de 2000 a 2021, e a correspondente taxa padronizada de mortalidade.

**Gráfico 1 - Evolução do número de óbitos e das taxas de mortalidade padronizadas**  
Estado de São Paulo, 2000-2021



Fonte: Fundação Seade, Estatísticas Vitais.

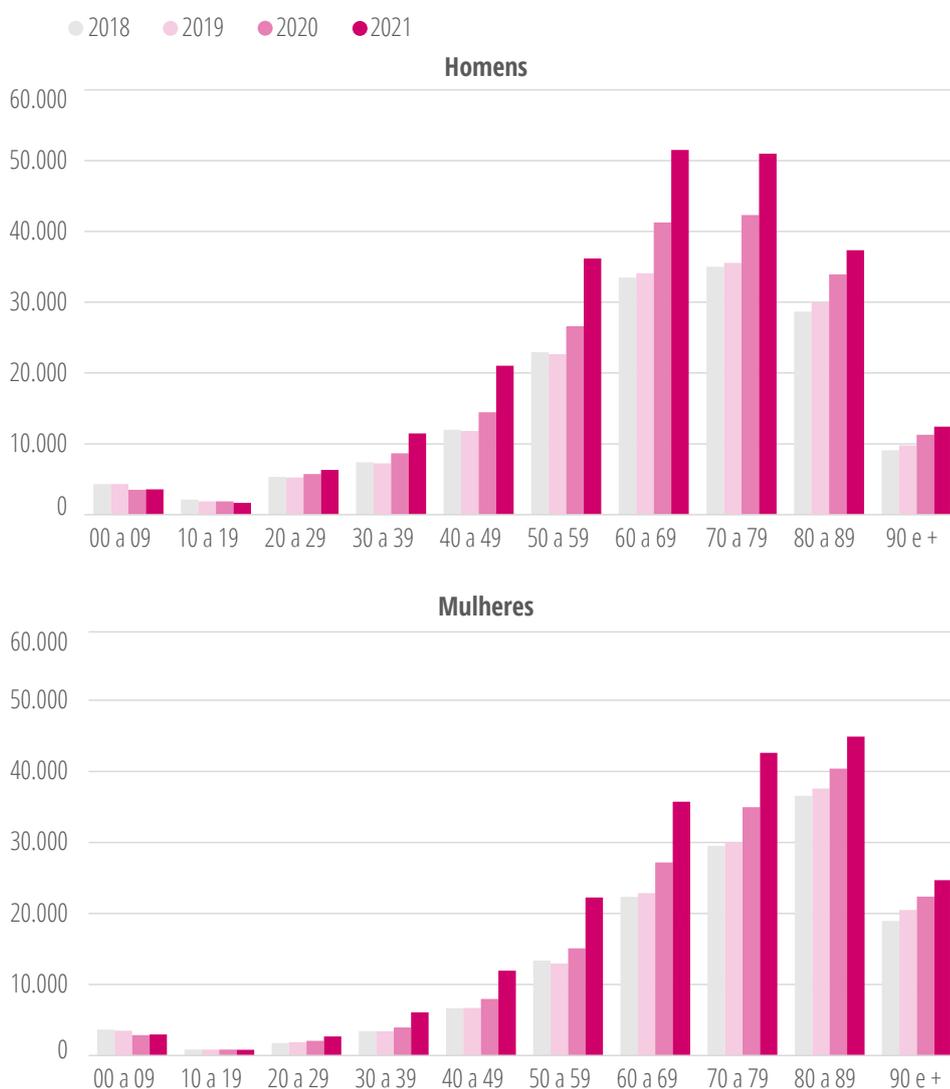
Nota: A população padrão adotada foi a recenseada em 2010.

## 2. Óbitos por idade e sexo

A distribuição dos óbitos por idade e sexo, de 2018 a 2021, evidencia os acréscimos absolutos e relativos ocorridos no Estado durante os dois anos da pandemia de Covid-19, em comparação aos dois anos anteriores a ela.

Entre 2018 e 2019, observa-se que o número de óbitos por grupos decenais de idade, para ambos os sexos, se manteve estável, ou mesmo decresceu, até a faixa de 50 a 59 anos, ao passo que para as idades mais avançadas houve pequeno aumento. Já nos dois anos de pandemia, registraram-se acréscimos em todas as idades a partir de 20 anos, com diferenciação entre as faixas etárias da população masculina e feminina.

**Gráfico 2 – Distribuição dos óbitos gerais, por idade, segundo sexo**  
Estado de São Paulo, 2018-2021



Fonte: Fundação Seade. Estatísticas Vitais.

Considerando-se a diferença absoluta no total de óbitos entre 2019, último ano sem pandemia, e 2021, ano de pico da pandemia, nota-se que os idosos de 60 a 69 anos apresentaram o maior aumento, com 12.871 mortes a mais entre as mulheres e 17.405 entre os homens, o que significou crescimento de 56,3% e 51,1%, respectivamente, no volume de óbitos. Na sequência aparecem as idades de 70 a 79 anos, cujos incrementos foram de 12.577 mortes (41,9%) para a população feminina e de 15.442 (43,4%) para a masculina.

Quando se avalia a evolução dos óbitos para as faixas etárias adultas, observa-se que o maior impacto ocorreu entre a população de 40 a 49 anos, que registrou aumento expressivo de 78% para ambos os sexos. Entre as mulheres, o segundo grupo mais atingido foi o de 30 a 39 anos, com incremento de 77,1% no total de óbitos, seguido da faixa de 50 a 59 anos (71,6%). Já entre os homens, há inversão nessa ordem, pois a segunda parcela mais atingida foi a de 50 a 59 anos (59,6%), seguida por aqueles de 30 a 39 anos (58,5%). Vale destacar, também, o expressivo aumento registrado nos óbitos da população feminina jovem, de 20 a 29 anos, com ampliação de 43,5%, nesse período.

Assim, é importante ressaltar que, enquanto o maior incremento absoluto no volume de óbitos se deu na população idosa, a intensidade proporcional dos aumentos incidiu mais fortemente entre os adultos e jovens, que apresentavam estabilidade ou redução no número de mortes em anos anteriores à pandemia e sofreram expressiva reversão na tendência da mortalidade.

### **3. Movimentos sazonais dos óbitos e concentrações causadas pela pandemia no Estado**

Procurando explicitar as mudanças observadas na distribuição dos óbitos em 2020 e 2021, no contexto da pandemia no Estado de São Paulo, considerou-se a evolução semanal do número de óbitos ocorridos em cinco anos, contemplando 261 semanas com início em 2017 e final em 2021. Essa análise revelou movimentos sazonais entre 2017 e 2019, assim como alterações e novos episódios de concentração registrados durante os anos de pandemia.

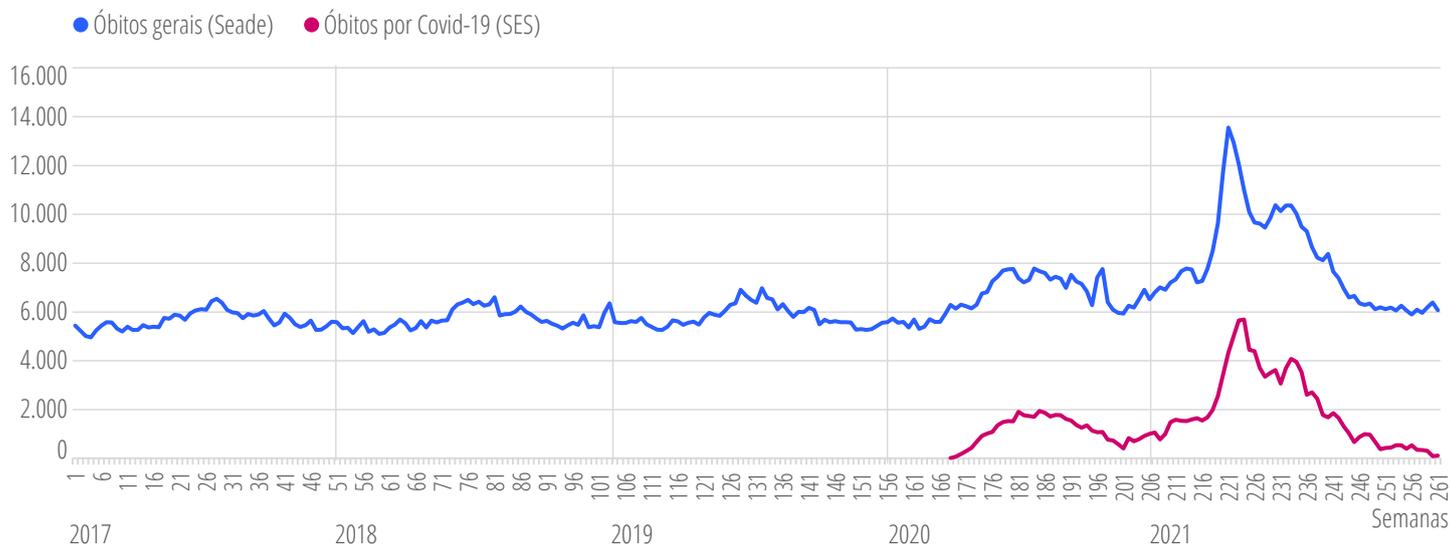
Nos três anos que precedem a pandemia, evidencia-se maior volume de mortes nas semanas correspondentes à época mais fria do ano, sobretudo em junho e julho. Com o advento da pandemia em 2020, nas primeiras semanas de março já se verificam quantidades mais elevadas, atingindo altos patamares que se prolongam durante o outono e o inverno. O ápice ocorreu na segunda semana de julho, com 7.784 mortes (semana 184). Na sequência, picos alternados dão sinais de queda e o menor valor do segundo semestre, com 5.946 óbitos, foi registrado na primeira semana de novembro (semana 201), voltando a subir até o final do ano.

As primeiras semanas de 2021 apresentam rápida escalada no número de mortes, até alcançar o maior patamar de toda a série, com 13.549 óbitos na quarta semana de março (semana 221). Ressalte-se que essas mortes foram 1,7 vez superior ao maior pico observado em 2020. Nas semanas seguintes verifica-se tendência sustentada de decréscimo, concomitantemente com o calendário de vacinação, reconduzindo os indicadores de mortalidade a patamares próximos aos registrados antes do início da pandemia.

A curva da evolução das mortes por Covid-19, elaborada com base nas notificações do Sistema de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe – Sivep, da Secretaria da Saúde, disponibilizadas pela Fundação Seade, mostra variações similares às observadas na movimentação dos óbitos gerais provenientes das bases de mortalidade produzidas pelo Seade. Essa comparação permite constatar que os picos que delineiam a curva de óbitos gerais se aproximam no tempo com aqueles das mortes causadas por Covid-19, podendo ocorrer pequenas defasagens entre as curvas devido à diferença de critério de classificação nas fontes produtoras: data do óbito do Registro Civil e data da notificação do Sivep.

O Gráfico 3 apresenta a evolução dos óbitos gerais da população paulista, segundo as estatísticas do Registro Civil processadas no Seade entre 2017 e 2021, e a evolução dos óbitos por Covid-19, segundo as notificações da Secretaria de Estado da Saúde, apontado os momentos de convergência das respectivas tendências.

**Gráfico 3 – Óbitos por semana de ocorrência**  
Estado de São Paulo, 2017-2021



Fonte: SES, Sivep; Fundação Seade, Estatísticas Vitais.

#### 4. Evolução regional da mortalidade

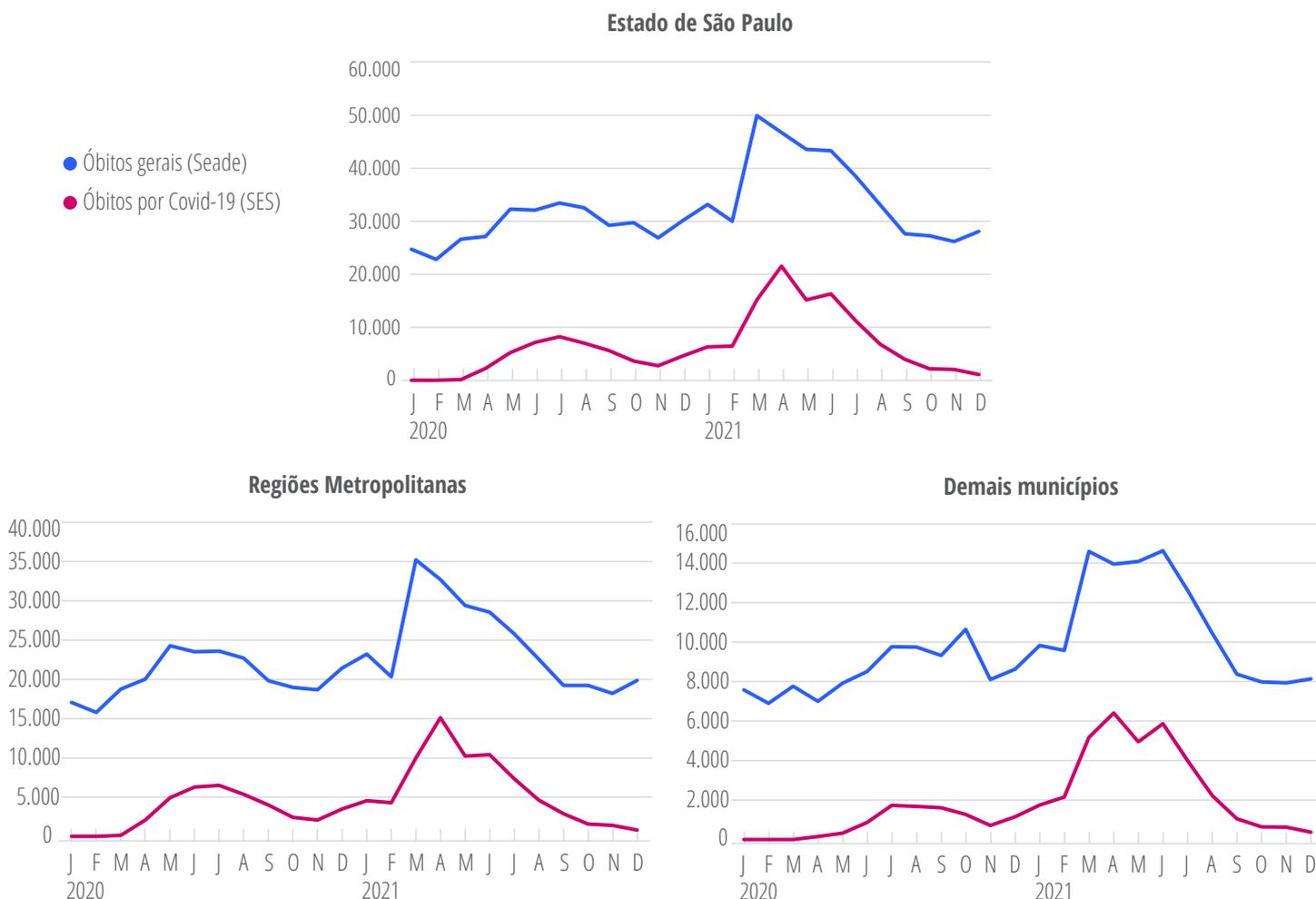
Para melhor compreender como se deu a evolução da mortalidade no território paulista, realizou-se análise pormenorizada da tendência dos óbitos mensais ao longo de 2020 e 2021, segundo as regiões metropolitanas do Estado.

A análise comparativa entre a evolução dos óbitos gerais e a dos óbitos notificados por Covid-19 mostra como o surgimento da pandemia foi determinante nas alterações mensais dos óbitos gerais, indicando padrões bastante similares, embora com alguma defasagem. Observa-se que, para o conjunto das áreas metropolitanas, o início do aumento no número de óbitos é anterior àquele verificado para os demais municípios do Estado. Nas RMs, o maior valor de 2020 foi observado em maio, com 24.275 óbitos, enquanto nos demais municípios a tendência de crescimento ocorreu a partir de maio, com o máximo registrado em outubro (10.641 mortes).

A segunda onda de mortes e a mais grave observada em todo o período ocorreu no início de 2021. Nas regiões metropolitanas, a cúspide se deu em março, quando o total alcançou patamar de 35.208 óbitos e passou a declinar paulatinamente nos meses seguintes. Já nos demais municípios, mesmo apresentando aumento importante também em março, os níveis elevados se mantiveram até junho, quando registraram 14.637 óbitos, passando então a diminuir a partir deste mês.

O Gráfico 4 apresenta a evolução mensal dos óbitos gerais e por Covid-19 ocorridos no Estado de São Paulo, para duas grandes áreas: o agregado das seis regiões metropolitanas e o dos demais municípios não pertencentes a elas.

**Gráfico 4 – Distribuição mensal dos óbitos gerais e por Covid-19**  
Estado de São Paulo, Regiões Metropolitanas e demais municípios do Estado, 2020-2021



Fonte: SES, Sivep; Fundação Seade, Estatísticas Vitais.  
Nota: Devido à grande variação no número de óbitos para as áreas selecionadas, as escalas dos gráficos são distintas.

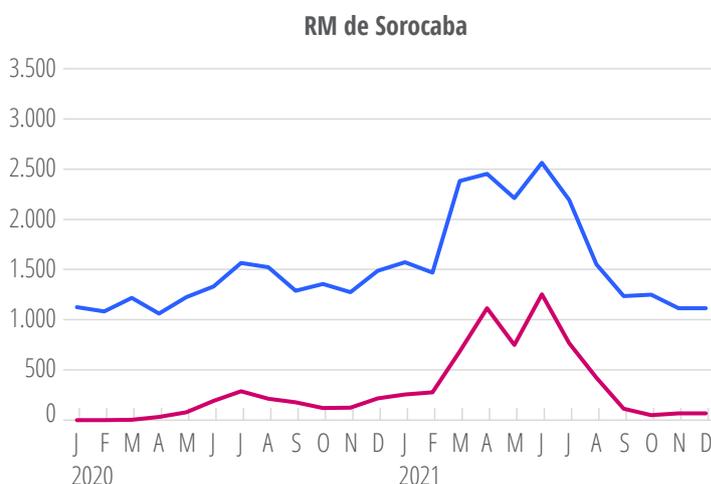
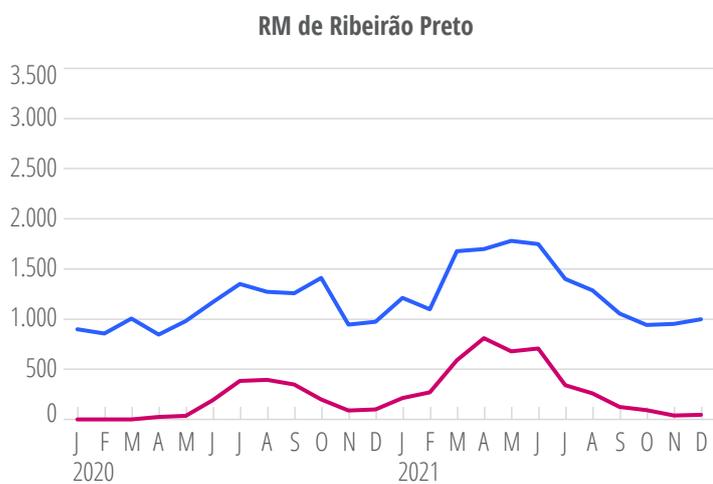
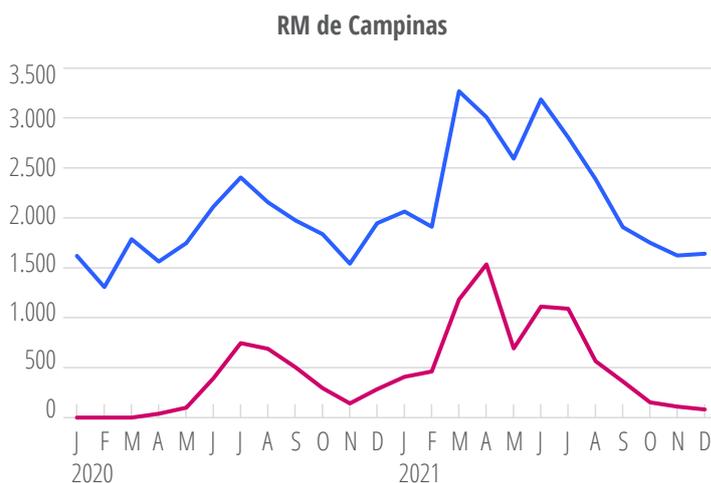
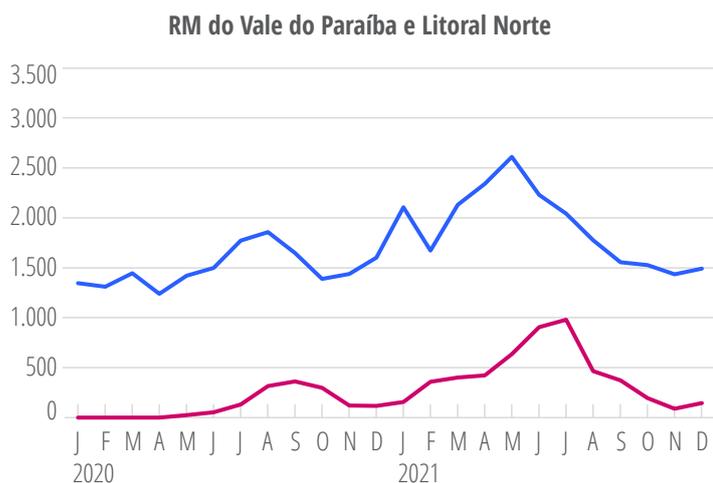
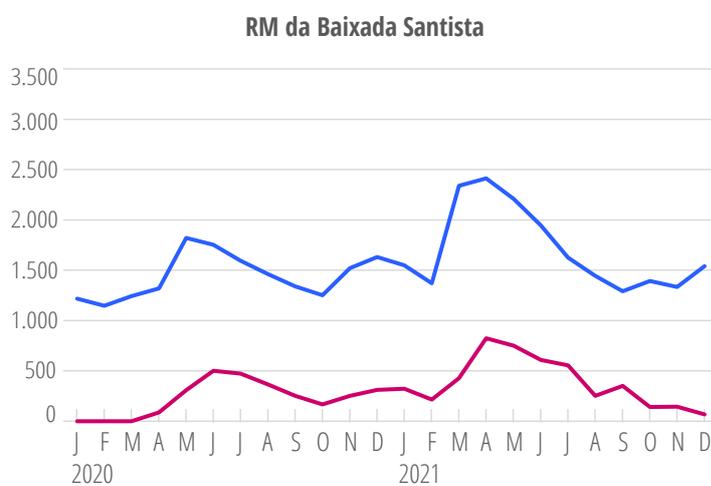
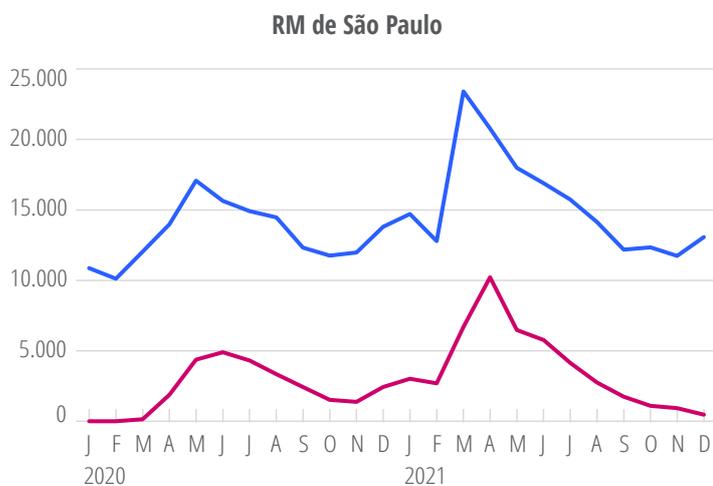
Visando identificar os padrões de mortalidade de cada região metropolitana, realizou-se uma análise detalhada de como se deu a evolução dos óbitos gerais e por Covid-19 em cada uma delas. As Regiões Metropolitanas de São Paulo e da Baixada Santista mostraram tendências muito semelhantes e são elas que mais influenciam o comportamento evolutivo do Estado como um todo, uma vez que juntas concentraram 49,3% do total de óbitos ocorridos em 2020 e 2021. Por sua vez, nas demais regiões metropolitanas o processo evolutivo dos dados de mortalidade ocorreu mais tardiamente: enquanto nas duas primeiras o pico pandêmico de 2020 foi registrado em maio, nas RMs de Campinas e Sorocaba ele aconteceu em julho, na RM do Vale do Paraíba e Litoral Norte em agosto e na RM de Ribeirão Preto somente em outubro.

Já na segunda onda pandêmica, em 2021, as RMs de Campinas, Ribeirão Preto e Sorocaba apresentaram similaridades, com aumento no número de óbitos em março, manutenção desse patamar elevado até junho e queda nos meses subsequentes. As demais regiões metropolitanas registraram o pico de mortes em um único mês, porém em momentos distintos: março na RM de São Paulo, abril na RM da Baixada Santista e maio na RM do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

O Gráfico 5 delinea as diferenças na evolução mensal dos óbitos gerais e por Covid-19 ocorridos nas seis regiões metropolitanas paulistas, no período de janeiro de 2020 a dezembro de 2021.

**Gráfico 5 – Distribuição mensal dos óbitos gerais e por Covid-19**  
Regiões Metropolitanas do Estado de São Paulo, 2020-2021

● Óbitos gerais (Seade) ● Óbitos por Covid-19 (SES)



Fonte: SES, Sivep; Fundação Seade. Estatísticas Vitais.  
Nota: Devido à grande variação no número de óbitos para as áreas selecionadas, as escalas dos gráficos são distintas.

## 5. Diferenciais regionais na intensidade do aumento da mortalidade

Conforme mencionado anteriormente, a tendência de aumento anual no volume de óbitos no Estado de São Paulo está associada, principalmente, ao crescimento populacional e ao processo de envelhecimento demográfico. No contexto regional, esse fenômeno também se verifica, porém, de forma diferenciada dependendo da dinâmica demográfica específica de cada região.

Com a finalidade de melhor dimensionar o impacto da pandemia na tendência anual da mortalidade regional, adotou-se o procedimento analítico de comparação dos óbitos observados com os óbitos esperados na ausência da pandemia. Estimativas para 2020 e 2021 foram elaboradas considerando-se a projeção da tendência recente do volume de óbitos até 2019, para o Estado e cada uma das regiões metropolitanas. Tal previsão de óbitos contempla, assim, outros fatores demográficos não relacionados à pandemia.

Dessa forma, os óbitos esperados constituem uma referência mais adequada para se avaliar a intensidade do impacto na mortalidade durante a pandemia, viabilizando o dimensionamento do excesso de óbitos causado pelos efeitos da nova situação sanitária.

As previsões do número esperado de óbitos, para o Estado de São Paulo, resultaram em 307.370 mortes em 2020 e 311.615 em 2021. A comparação com os óbitos observados indica diferenças de 40.365 mortes a mais para 2020 e de 115.960 a mais para 2021. Assim, o impacto da pandemia em relação ao volume esperado de óbitos seria, respectivamente, de 13,1% e 37,2%.

Para 2020, a análise regional mostra que a RM de São Paulo apresentou o maior impacto relativo entre as regiões metropolitanas, com 16,8% de excesso de óbitos. Também em patamares elevados e superiores à média do Estado, destacam-se as RMs da Baixada Santista (16,6%), Ribeirão Preto (15,7%) e Campinas (15,2%). O menor impacto relativo foi observado na RM do Vale do Paraíba e Litoral Norte, com 5,8%.

### Gráfico 6 – Diferença relativa entre óbitos observados e esperados

Estado de São Paulo e Regiões Metropolitanas, 2020-2021, em %



Fonte: Fundação Seade.

Em 2021, a situação se modifica sensivelmente, com elevação substancial do impacto da pandemia em todas as RMs e menor diferencial entre elas. A RM do Vale do Paraíba e Litoral Norte, apesar do aumento de óbitos excedentes (32,3%), se mantém na melhor situação entre as regiões, ficando abaixo da média do Estado juntamente com as RMs de São Paulo (34,6%) e da Baixada Santista (35,4%). Acima da média estadual aparecem as RMs de Campinas (45,4%), Sorocaba (44,3%), Ribeirão Preto (40,0%) e o conjunto dos demais municípios não pertencentes às regiões metropolitanas (39,1%).

## **6. Considerações finais**

As estatísticas do Registro Civil tradicionalmente produzidas pela Fundação Seade são incorporadas periodicamente ao Sistema Estatístico Nacional coordenado pelo IBGE, constituindo rico acervo nacional de estatísticas de grande valor para o delineamento e monitoramento de políticas públicas. No caso específico das estatísticas de óbitos, sua utilização ganhou evidência no acompanhamento e caracterização da expansão da pandemia de Covid-19, reafirmando-se como fonte de dados relevante para a pesquisa científica e o planejamento público.

Neste trabalho, foram abordadas algumas dimensões e atributos que fazem parte das bases de dados do Seade e que vale a pena resgatar de forma sintética a título de conclusão.

A análise das séries estatísticas anuais de óbitos produzidas pelo Seade torna evidente a dimensão excepcional do impacto causado pela pandemia em 2020/2021, em comparação com as tendências anteriores que estão associadas a outros fatores no contexto da transição demográfica paulista.

A exploração das estatísticas por idade e sexo traz à tona diferenças menos visíveis das consequências da pandemia, indicando que, além do maior volume de óbitos ocorridos entre idosos, destaca-se o maior impacto relativo da mortalidade entre adultos de 40 a 49 anos para ambos os sexos.

A análise de séries estatísticas semanais de óbitos evidencia o perfil da sazonalidade das mortes nos meses mais frios, durante os três anos anteriores à pandemia, e também as mudanças ocorridas com o seu advento. A comparação entre as estatísticas de óbitos do Registro Civil elaboradas pelo Seade e as estatísticas de notificação de mortes por Covid-19 do Sistema de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe – Sivep, da Secretaria da Saúde, mostra como essas últimas foram determinantes na evolução dos óbitos gerais.

A abordagem regional privilegiou as regiões metropolitanas como unidade analítica, pelo volume e densidade populacionais, deixando claro o comportamento diferenciado dos padrões evolutivos da pandemia no território paulista. Em 2020, a evolução caracterizou-se mais rápida nas RMs de São Paulo e da Baixada Santista, que atingiram o ponto máximo em maio, enquanto nas demais regiões o crescimento no número de óbitos foi menos íngreme, com picos entre julho e outubro. Já em 2021, os padrões evolutivos ficaram mais próximos, com forte elevação já no mês de março, mas se diferenciam na defasagem da queda. Essa tendência se deu de forma contínua em todas as regiões após a implementação do programa de vacinação e demais políticas sanitárias que avançaram ao longo desse ano.

A avaliação da diferença entre os óbitos observados e os esperados mostrou que a intensidade do impacto da Covid-19 foi diferenciada entre as regiões metropolitanas. No primeiro ano da pandemia, as RMs de São Paulo, Baixada Santista, Campinas e Ribeirão Preto se destacaram com intensidades de aumento acima da média estadual. Já no segundo ano, houve elevação expressiva em todas as regiões com menor diferencial entre elas, ficando acima da média estadual as RMs de Campinas, Sorocaba, Ribeirão Preto e demais municípios.

Os dados explorados nessa primeira análise não esgotam a complexidade do tema e suscitam novas pesquisas que terão continuidade em futuro próximo.

## Referências

FERREIRA, C. E. de C.; CASTIÑEIRAS, L. L.; MAIA, P. B. *O que mostram os registros de óbitos de 2018?* Tendências e padrões demográficos no Estado de São Paulo. São Paulo: Fundação Seade, 2020. (SP Demográfico, ano 20, n. 1). Disponível em: <https://produtos2.seade.gov.br/produtos/spdemografico/ano-20-no-01-janeiro-de-2020-o-que-mostram-os-registros-de-obito-de-2018-tendencias-e-padroes-demograficos-no-estado-de-sao-paulo/?id=tema>.

FUNDAÇÃO SEADE. *2021 registra aumento de óbitos em virtude de Covid-19*. São Paulo: Fundação Seade, 2022 (Seade Informa Demografia). Disponível em: <https://informa.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/8/2022/06/Seade-Informa-demografia-2021-registra-aumento-obitos-virtude-covid19.pdf>.

FUNDAÇÃO SEADE. *Estatísticas Vitais*. Disponível em: <https://estatisticasvitais.seade.gov.br/>.

FUNDAÇÃO SEADE. *Óbitos da população paulista aumentaram 12% em 2020*. São Paulo: Fundação Seade, 2021. (Seade Informa Demografia). Disponível em: [https://informa.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/8/2021/03/obitos\\_populacao\\_paulista\\_aumentaram\\_2020.pdf](https://informa.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/8/2021/03/obitos_populacao_paulista_aumentaram_2020.pdf).

GERÊNCIA DEMOGRÁFICA. *Estatísticas do Registro Civil: mais de um século de informações para o Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação Seade, 2018 (SP Demográfico, ano 18, n. 3). Disponível em: <https://produtos2.seade.gov.br/produtos/spdemografico/ano-18-no-03-outubro-de-2018-estatisticas-do-registro-civil-mais-de-um-seculo-de-informacoes-para-o-estado-de-sao-paulo/?id=tema>.

WALDVOGEL, B. C. *Produção das estatísticas do Registro Civil no Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação Seade, 2020. (Seade Metodologia). Disponível em: [https://metodologia.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/4/2021/05/Metodologia\\_Estatisticas\\_Registro\\_Civil.pdf](https://metodologia.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/4/2021/05/Metodologia_Estatisticas_Registro_Civil.pdf).



**Governador do Estado**  
Rodrigo Garcia

**Secretário de Governo**  
Marcos Penido

## SEADE

**Presidente do Conselho Curador**  
Carlos Antonio Luque

**Diretor Executivo**  
Bruno Caetano

**Diretor-adjunto de Metodologia e Produção de Dados**  
Carlos Eduardo Torres Freire

**Diretor-adjunto de Análise e Disseminação de Informações**  
Marcelo Moreira

**Diretor-adjunto Administrativo e Financeiro**  
Carlos Alberto Fachini

**Chefe de Gabinete**  
Sérgio Meirelles Carvalho

**SP DEMOGRÁFICO**  
A série SP Demográfico, iniciada em 1998, procura veicular os principais indicadores demográficos do Estado de São Paulo, de suas regiões, municípios e distritos da capital, com ênfase na análise das projeções populacionais e das Estatísticas do Registro Civil, produzidas pela Fundação Seade.

**Coordenação e edição**  
Bernadette Cunha Waldvogel

**Corpo editorial**  
Bernadette Cunha Waldvogel; Carlos Eduardo Torres Freire; Carlos Eugenio de Carvalho Ferreira e Valmir José Aranha.

**Autores deste número**  
Carlos Eugenio de Carvalho Ferreira, Paulo Borlina Maia, Bernadette Cunha Waldvogel, Luciane Lestido Castiñeiras

**Assessoria de Editoração e Arte**  
**Responsável técnico:** Paulo Emirandetti Junior  
**Equipe técnica:** Cristiane de Rosa Meira, Elisabeth Magalhães Erharter, Maria Aparecida Batista de Andrade, Rita Bonizzi, Tânia Pinaffi Rodrigues e Vania Regina Fontanesi

**Endereço para correspondência**  
Av. Professor Lineu Prestes, 913 - Cidade Universitária  
05508-000 – São Paulo – SP  
Fone (11) 3324.7200  
[seade.gov.br](http://seade.gov.br)  
[sicseade@seade.gov.br](mailto:sicseade@seade.gov.br)  
[ouvidoria@seade.gov.br](mailto:ouvidoria@seade.gov.br)